CAPITALISMO GLOBALIZADO CONTEMPORÂNEO: conflitos, controvérsias e perspectivas

Eduardo Girão Santiago[1]

RESUMO

O artigo pretende discutir as imprecisões conceituais, os conflitos, controvérsias e perspectivas do mundo globalizado contemporâneo. Apresenta como eixo temático principal as questões da acumulação flexível de capital de Harvey, do empreendedorismo e da destruição criativa de Schumpeter, bem como de suas repercussões na vida das pessoas, segundo Sennett. Trata-se de um diálogo teórico que culmina com algumas possibilidades e questionamentos sobre uma contra-globalização globalizada proposta por Boaventura Santos ou com o fracasso da Nova Economia mundializada que, na visão de Schumpeter caminha para o socialismo democrático.

Palavras-chave: Acumulação flexível, mundo do trabalho, globalização.

ABSTRACT

The article intends to discuss the conceptual inaccuracies, conflicts, controversies and perspectives of the contemporary globalized world. It presents as its main theme the issues of Harvey's flexible capital accumulation, Schumpeter's entrepreneurship and creative destruction, as well as their repercussions on people's lives, according to Sennett. It is a theoretical dialogue that culminates with some possibilities and questions about a globalized counter-globalization proposed by Boaventura Santos or with the failure of the new globalized economy, which, in Schumpeter's view, moves towards democratic socialism.

Keywords: Flexible capital, world of work, globalization.

[1] Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará; Doutor em Sociologia pela UFC; egiraosantiago@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A exemplo dos preceitos e da influência da teoria da modernização, nos anos 60 do século passado, o tema do capitalismo globalizado é o *leitmotiv* de nossa época, abrangendo os aspectos econômicos, culturais, sociais e relacionado principalmente com as profundas mudanças no âmbito da geopolítica do planeta. Este assunto surgiu nas últimas três décadas do século XX, portando grande dissenção e imprecisões conceituais, inclusive no mundo acadêmico.

Trata-se de fenômeno traduzido por variadas faces: quando acessamos aos modernos e tecnológicos aparelhos de televisão para vermos o mundo; quando compramos o último modelo de veículo de nossos sonhos; quando pagamos a conta das crises especulativas do capital financeiro internacional; quando somos atingidos por reestruturações produtivas e planos de demissão "voluntária;" quando nos orgulhamos da Petrobrás de outrora conquistando mercados alhures; quando participamos de movimentos internacionais pacifistas, ou quando, num restaurante francês em Montparnasse somos atendidos gentilmente por um garçom bengali que nos confidenciou ter uma namorada no Rio de Janeiro...

Globalização, mundialização, Nova Economia, financeirização do capital, acumulação flexível de capital são termos ainda imprecisos mas que têm o mesmo sentido. Representam uma mudança significativa no alcance espacial da ação e da organização sociais. Denotam a escala crescente do aprofundamento do impacto dos fluxos e padrões inter-regionais de interação social. Referem-se a uma mudança ou transformação na escala da organização social que liga comunidades distantes e ampliam as relações de poder nas grandes regiões e continentes do mundo. (HELD e McGREW, 2001:12-13).

O capitalismo globalizado acarretou mudanças profundas nos últimos 30 ou 40 anos. Viabilizou a intensificação das relações mundiais que uniram localidades distantes de forma tal que, os acontecimentos locais são determinados por eventos que ocorrem em outras terras, infinitamente distantes. Segundo Giddens (2005:60-61), tais conexões entre o local e o global resultaram "dos avanços dramáticos na comunicação, na tecnologia da informação e no transporte", além de sofisticado

sistema global de comunicação via satélite que permitiu o contato instantâneo de pessoas ao redor do mundo.

O processo de globalização não pode se circunscrever somente ao aspecto econômico. A despeito de as forças produtivas serem um vetor importante, convém atentarmos para o fato de que ele decorre da convergência de fatores políticos, sociais, culturais e econômicos. Tal processo foi influenciado pelo desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação que intensificaram a velocidade e o alcance da interação entre os cidadãos globais. A título de exemplo, por conta das conexões globais de televisão, alguns jogos da Copa do Mundo na França foram vistos por mais de 2 bilhões de pessoas (GIDDENS, 2005:61).

Para acentuarmos a imprecisão e a dissenção em torno do tema em estudo, convém apresentarmos a seguinte declaração do economista institucionalista John Kenneth Galbraith

> [...] A globalização não é um conceito sério e que nós, os americanos, a inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países, e para tornar respeitáveis os movimentos especulativos de capital, que sempre são causa de graves problemas. (Apud FIORI, 2001:28)

No mesmo diapasão da crítica acima, Robert Reich, ex- Ministro do Trabalho dos Estados Unidos, apud Santiago (2001: 23), declarou que “a globalização está criando uma espécie de subclasse de pessoas desmoralizadas e empobrecidas em nossas democracias industriais”. Tudo leva a crer que há um apelo mundial às nações do Terceiro Mundo para a adesão compulsória ao processo de globalização. Não foi em vão que o ex-ministro da Economia da Argentina, Domingos Cavallo afirmou, em entrevista no jornal EL Clarín, que “a globalização é como um clube. Cheio de regras e exigências. Os sócios rebeldes são expulsos com frieza.”

Em vista do que foi exposto nesta introdução, o presente artigo pretende aprofundar uma análise acerca dos conflitos e controvérsias do modelo de globalização contemporânea. Referida prospecção sobre o tema será lastreada nas abordagens teóricas sobre o processo de acumulação flexível decorrente da crise do fordismo e do keynesianismo, proposto por David Harvey. De suma importância para

viabilizar uma perspectiva dialógica será o tema do empreendedorismo schumpeteriano como vetor que move o processo de globalização contemporânea.

Para fundamentar as nuances do processo de globalização, lançaremos mão de recentes informes técnicos produzidos pela Organização Internacional do Trabalho – OIT, sobre a precarização dos empregos. Na perspectiva de discutir as resistências e as identidades do capitalismo globalizado, buscaremos diálogos com Nestor Canclini e Joseph Stiglitz. Buscaremos nos textos sobre as repercussões do modelo de acumulação flexível no mundo do trabalho, de autoria de Richard Sennett, notadamente no que diz respeito ao ser humano "à deriva", quando fustigado pelas transformações capitalistas no mundo do trabalho hodierno.

Por fim, abordaremos a contra- globalização globalizada, sob a lente criativa de Boaventura Santos, uma resposta dos periféricos ao robusto rolo compressor da globalização contemporânea. O presente artigo respalda-se numa abordagem teórica, aparteada com opiniões e vivências nossas, com o fito de relatar e discutir as suas contradições, os seus dilemas e a sua incerteza de que será um sistema econômico duradouro.

2 ABORDAGEM TEÓRICO-EXPLICATIVA DA GLOBALIZAÇÃO

O ponto de partida da incursão teórica deste ensaio refere-se ao epicentro de uma crise acumulativa ocorrida nas décadas de 60 e 70 do século passado, decretando o enfraquecimento da era fordista/ keynesiana, incapaz de superar as contradições capitalistas, dada a incapacidade de os estados atenderem às crescentes demandas pela permanência do W*elfare State*, traduzidas pela seguridade social, direitos de pensão, valorização do trabalho, etc. (HARVEY, 2002).

A configuração indomável e aparentemente fixa de poder político e relações recíprocas que unia trabalho, capital e governo, expressa numa defesa disfuncional de interesses difusos no Estado do Bem-Estar passou a solapar, em vez de garantir a acumulação capitalista. Para agravar o quadro, a crise do petróleo de 1973 contribuiu para o aumento dos custos dos insumos de energia de maneira gritante,

obrigando todos os segmentos do mundo produtivo a buscarem mudanças organizacionais e tecnológicas. (HARVEY, 2002:136).

Os acontecimentos acima mencionados culminaram com uma firme reação do mundo capitalista à crise fordista/keynesiana, objetivando implementar medidas para preservar ou mesmo aumentar o nível de acumulação ameaçado. A par dessas evidências, a resposta veio rápida, concretizada no conceito de acumulação flexível, como processo que se caracterizou

> [...] Pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado setor de serviços, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (tais como a Terceira Itália, Flandres, vales e gargantas do Silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados. (HARVEY, 2002: 140).

O desenvolvimento do novo capitalismo, lastreado na acumulação flexível compreende, também, a noção de compressão do espaço-tempo do mundo das relações de produção, vale dizer, os horizontes temporais da tomada de decisões das gestões pública e privada. A comunicação via satélite e a queda dos custos de transportes possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço mais amplo e variado. Tal evidência está na base de tantas reestruturações produtivas, eliminação de filiais de conglomerados multinacionais em diversos países. Diz respeito, também, às nuances da sociedade informacional, responsável pela eliminação do emprego tradicional rural, ao declínio da ocupação industrial e diversificação do emprego nas atividades do setor serviços e da predominância de novas profissões altamente especializadas que conformam a crescente “força de trabalho global”. (HARVEY,2002; CASTELLS, 1999).

3 AS ENTRANHAS DO PROCESSO DE ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL DE CAPITAL

Um dos pilares de sustentação e prevalência do processo de globalização contemporânea refere-se à ideia da “destruição criativa” de Schumpeter, que consiste

na constante relação das tecnologias inovadoras destruindo produtos tradicionais e criando outros, mais atraentes para os consumidores. O novo produto ocupa o espaço do velho produto e novas estruturas de produção que destroem antigas. Na concepção schumpeteriana, é perceptível a ideia de que o progresso decorre deste ato destruidor/criativo. Os empresários empreendedores são responsáveis pelo rompimento do fluxo circular da economia para uma economia dinâmica, competitiva e geradora de oportunidades. (SCHUMPETER, 1982:64).

As práticas decorrentes da destruição criativa, anunciadas por Schumpeter são traduzidas por intensas mudanças tecnológicas, automações, desenho e diversificação de novos produtos, busca permanente de novos nichos de mercado. São praticadas, também, novas formas de gestão e organização do trabalho e da produção, como a terceirização, trabalhadores com contratos flexíveis, estoques *just-in-time*, organizações sociais e contratos de gestão, principalmente no setor público.

Não é em vão que, referindo-se à “destruição criativa” Sennett (2005) afirmou que empresas se dividem, se diversificam ou se fundem, gerando demissões voluntárias sem nenhum compromisso com os trabalhadores. A “destruição criativa”, segundo Schumpeter, favorece a empresários, pois eles exigem funcionários à vontade em relação a não calcular as consequências das mudanças, ou ao não saber o que vem depois neste mundo frenético, indiferente e negligente.

O novo padrão de acumulação flexível acarretou profundas transformações no mundo do trabalho. É que a constante metamorfose do mercado, a acirrada competitividade e a redução das margens de lucro induziram os capitalistas a tirarem proveito do crescente excedente de mão-de-obra e da debilidade sindical, imprimindo regimes e contratos de trabalho mais flexíveis, traduzidos por aumento efetivo da jornada de trabalho anual para empregados regulares, pelo incremento do trabalho em tempo parcial ou temporário, pela subcontratação e por outras engenhosidades que buscaram retirar direitos e conquistas dos trabalhadores, sob a alegação de o setor produtivo se tornar mais competitivo.

Quando se intercruzam as ideias da acumulação flexível de capital com o sentido do empreendedorismo, ou do “empreendimentismo”, conforme Harvey, constatamos a pertinência do diálogo entre este autor e Schumpeter. Assim, os

valores coletivos do período keynesiano, predominantes nos anos 60 do século XX converteram-se em individualismo competitivo, motivado pelos apelos empreendimentistas. A partir daí, o acirramento da competição internacional "forçou todos os Estados a se tornarem mais empreendedores e preocupados em manter um clima favorável aos negócios" (HARVEY, 2002:158).

A atitude de ser empreendedor não se restringiu apenas ao Estado. Como bem salienta Harvey, atingiu outras dimensões da vida. O arranjo "empreendimentismo" e competição, tanto no mercado de trabalho como nas empresas, foi "destrutivo e ruinoso para alguns, mas sem dúvidas gerou novas perspectivas em muitos, quando comparado a padrões rígidos do poder estatal monopolista" (HARVEY, 2002:161).

Ainda de acordo com o autor em análise, o "empreendimentismo" abrangeu não apenas o atrativo campo dos negócios, mas também a organização do mercado de trabalho, a produção do setor informal, as áreas de pesquisa e desenvolvimento, da gestão municipal e até nichos da vida acadêmica, literária e artística. Embora Harvey atenue os efeitos da acumulação flexível capitalista sobre o mundo do trabalho, por outro lado revela os efeitos deletérios para os trabalhadores do período fordista/keynesiano, em termos de direitos de pensão, cobertura de seguros, níveis salariais e segurança no emprego, dentre outros benefícios.

O que fica evidente nas considerações de Harvey, acerca das relações entre a acumulação capitalista globalizada e a prática generalizada do empreendedorismo de Schumpeter, é que há uma forte tendência de a produção capitalista em reduzir os empregos estáveis e empregar ,cada vez mais, uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos nos períodos de recessão, situação comprovada nos "planos de demissão voluntária" e nas reformas administrativas, procedimentos contumazes na economia brasileira.

O fato é que, o tema do empreendedorismo foi revalorizado nos anos 1980. Uma conjunção de fatores, com destaque para a automação e a aplicação intensiva no campo da sociedade do conhecimento e nas formas de produção, favoreceram o aumento da acumulação flexível de capital, instalando-se, com efeito, um novo paradigma técnico- econômico que delineou um novo modelo de produção. É, portanto, no final do século XX que começa a ganhar força o conceito de economia

empreendedora ou "empreendimentista", que, associada às demais determinações da Era do Conhecimento, criou uma valorização do profissional criativo, inovador e capaz de trabalhar para si mesmo, em pequenas unidades produtivas.

O documento "Perspectivas Sociais do Emprego no Mundo: Tendências 2020, publicado pela organização Internacional do Trabalho – OIT,[2] trouxe-nos um panorama preocupante sobre o atual mundo do trabalho, decorrente do processo de acumulação flexível globalizada. Aspectos como a debilidade do crescimento econômico mundial, agravada pela pandemia do Covid 19; a permanente exclusão de trabalhadores do mercado laboral em quase todos os países do planeta; as taxas de subutilização das pessoas economicamente ativas, maiores do que as taxas de desemprego e a dificuldade crescente da redução da pobreza, são marcantes no referido informe.

Além dessas evidências, o relatório da OIT afirma que, mesmo os trabalhadores ocupados não têm trabalho decente, tais como: bons salários, seguridade social, liberdade sindical, estabilidade no emprego e nem são amparados por legislações trabalhistas, cada vez mais débeis. Chama atenção o fato de a OIT ter confirmado ser a desigualdade de renda no mundo, proveniente do trabalho, bem maior do que ela supunha.

Se considerarmos os 190 milhões de desempregados em escala mundial e acrescentarmos mais 25 milhões de empregos subtraídos pela pandemia, segundo a OIT, chegaremos a cifra de 215 milhões de desempregados (aproximadamente a população atual do Brasil!). É um quadro trágico socialmente, se ainda considerarmos a existência de 470 milhões de trabalhadores subutilizados, o que retrata acentuada ineficiência econômica e graves problemas de coesão social. Até quando o sistema capitalista globalizado vai conviver com um mundo do trabalho onde 61% dos trabalhadores são considerados informais?

As repercussões da precarização crescente das relações sociais de trabalho contemporâneas impactam diretamente sobre a pobreza extrema, estampada no rosto

[2] Perspectivas Sociais do Emprego no Mundo: Tendências 2020 – OIT. Disponível em: https://ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_615927/lang--pt/index.htm

da acumulação capitalista mundial. Cerca de 20% dos trabalhadores ocupados no mundo ganham apenas US$ 3,20 por dia. Tais cifras indicam que a erradicação da pobreza extrema, prevista pela ONU/Objetivos do Milênio, para o ano de 2030, dificilmente será alcançada. O que esperar de 267 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, sem emprego, sem educação formal e sem formação profissional? Ante esta situação, é a própria OIT que nos indaga: o que esperar do futuro do mundo do trabalho em face do quadro de incertezas geopolíticas e das tensões comerciais? (OIT, 2000).

Pelo exposto neste texto, até o momento, já percebemos as várias cores do processo de acumulação flexível globalizada, ainda longe de uma precisão conceitual e de consenso semântico. O capitalismo globalizado tem viabilizado resistências, tem promovido a emergência de identidades híbridas, de particularismos étnicos com símbolos religiosos, porque é esse mesmo processo de globalização que tem gerado exclusões e insuficientes benefícios para o mundo. (CANCLINI, 2000).

Por seu turno, o economista Joseph Stiglitz atribuiu a autoria do processo de globalização ao Fundo Monetário Internacional – FMI, ao Banco Mundial, à Organização Mundial do Comércio – OMC, instrumentos regulatórios do Consenso de Washington. Desta última instituição partiram medidas e recomendações principalmente para os países em desenvolvimento e periféricos para a liberação dos mercados de capitais, o estímulo às exportações, a redução dos investimentos públicos e a proeminência do setor privado, dentre outras que se revelaram fracassadas nestes países subalternos. (STIGLITZ, 2002).

Na sequência das críticas ao processo de novo capitalismo globalizado, convém observar que

> [...] A expressão capitalismo flexível descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos à mudança a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. (SENNETT, 2005: 9).

Segundo o autor acima, a fase flexível do capitalismo interrompeu carreiras, desviando rapidamente empregados de um tipo de trabalho para outro. Essa nova ordem impôs novos controles sobre os trabalhadores, em vez de simplesmente abolir

as regras do passado. Entretanto, esses controles são difíceis de entender, pois o novo capitalismo flexível é um sistema de poder muitas vezes ilegível. Para ele, o que importa mesmo no capitalismo contemporâneo é o "ser empreendedor", enquanto comportamento padrão no sistema econômico. Quanto ao "ser humano", resta-lhe flutuar na vida, à deriva. (SENNETT, 2005).

O que chama a atenção no processo de acumulação flexível do capital globalizado é que

> [...] O inusitado, agora, é que o singular na incerteza de hoje é que ela existe sem qualquer desastre iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser o normal porque o empresário de Schumpeter aparece como homem comum ideal. Talvez a corrosão de caracteres seja uma consequência inevitável. "Não há mais longo prazo" desorienta a ação de longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento. (SENNET, 2005:33)

4 A CONTRA- GLOBALIZAÇÃO GLOBALIZADA DE BOAVENTURA SANTOS

É vasta a obra de Boaventura de Sousa Santos acerca dos temas da globalização, da contra- globalização, das relações sobre o local e o global. Neste artigo, nos ocupamos de trazer alguns fragmentos do pensamento deste autor que resumem algumas das reações societárias ao processo de desenvolvimento do capitalismo flexível globalizado.

Neste diapasão, observamos que Boaventura Santos propugna que uma das formas de resistência contra a globalização reside na promoção e visibilidade de economias locais e comunitárias, economias de pequena escala diversificadas, autossustentáveis e interativas com forças exteriores, embora não dependentes delas.

Na visão do economista e pensador português, o combate aos malefícios de uma economia e cultura cada vez mais desterritorializadas passa pela redescoberta do sentido do lugar, da comunidade, processo que viabiliza a invenção e desenvolvimento de atividades produtivas de proximidade, calcado na reterritorialização.

Diz o autor em foco que não se pode priorizar nem as visões locais e nem as estratégias globais, Segundo ele, “a armadilha da globalização consiste em acentuar simbolicamente a distinção entre o local e o global e ao mesmo tempo destruí-la ao nível dos mecanismos da economia”. (Santos, 2005: 74). Ao nível dos processos transnacionais, adverte, ainda, que “da economia à cultura, o local e o global são cada vez mais os dois lados da mesma moeda. A globalização contra- hegemônica é tão importante quanto a localização contra- hegemônica”. (Santos, 2005: 75).

As organizações e os movimentos representantes do cosmopolitismo e do patrimônio comum da humanidade, ressalta o pensador português, têm uma vocação transnacional, entretanto não deixam de estar ancorados em locais concretos e em lutas locais concretas. Proclama, então, que

> [...] O global acontece localmente. É preciso fazer com que o local contra-hegemônico também aconteça globalmente. É preciso desenvolver uma teoria da tradução que permita criar inteligibilidade recíproca entre as diferentes lutas locais, aprofundar o interesse em alianças transnacionais. (SANTOS, 2005: 75).

Ao que tudo indica, as predições de Boaventura Santos devem ter sido inspiradas pelos Fóruns Mundiais Sociais realizados Davos, Seattle Nova Iorque Gênova, Índia, Caracas e Belém. A partir desses eventos que insinuaram a possibilidade de uma contra-globalização globalizada surgiu a utopia de que “Um novo mundo é possível” ou que “Uma nova economia é possível”.

5 CONCLUSÃO: EM BUSCA DE UM DEVIR DA GLOBALIZAÇÃO

O que aconteceria se todos os mecanismos disponíveis com o objetivo de intensificar o desenvolvimento frenético do modelo de acumulação capitalista flexível fossem efetivamente concretizados? Quem nos respondeu claramente foi o economista Celso Furtado, em sua obra *O mito do desenvolvimento econômico*, ao propugnar que

> [...] Se tal acontecesse, a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou, alternativamente, o custo do controle da poluição seria tão elevado) que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso. (FURTADO, 1974:19).

Por seu turno, um dos principais magos da acumulação flexível capitalista, Joseph Schumpeter, a despeito de sua "destruição criativa" e do seu empreenditismo como vetores do novo capitalismo, em seu clássico *Capitalismo, Socialismo e Democracia* surpreendeu ao prognosticar pela derrocada do capitalismo e pelo inevitável triunfo do socialismo, o sistema econômico capaz de viabilizar crescimento e democracia. (SCHUMPETER, 2017: 319).

Se observarmos os sinais dos tempos em termos do capitalismo flexível globalizado, veremos que as predições de Furtado e de Schumpeter, enriquecidas pela ideia da contra-globalização globalizada de Boaventura Santos apontam para um futuro incerto da chamada Nova Economia.

Ademais, pelos sintomas da barbárie que vêm se instaurando no planeta, o movimento dos Fóruns Sociais Mundiais agora se renova com as reflexões contestatórias de intelectuais holandeses, liderados por Iosu Perales, na ideia do "decrescimento[3]". Trata-se de um conjunto de preceitos e reflexões que busca reorientar a concepção do crescimento capitalista ilimitado.

O movimento do decrescimento advoga por uma radical reestruturação da economia globalizada, da recomposição do Produto Interno Bruto, baseada em investimentos em energias limpas, educação e saúde universais e decrescimento dos setores de petróleo, gás, mineração e publicidade. Além desses princípios, o "decrescimento" pleiteia a adoção de uma renda básica universal, a taxação sobre rendas e riquezas, o estímulo e prática da agricultura sustentável, a redução do consumo perdulário e o cancelamento da dívida dos países do Sul global.

Com forte pertinência contemporânea, A Encíclica *Laudato Si,* do Papa Francisco, inscreve-se como mais um alerta aos governantes por um mundo mais justo e solidário. Refere-se ao cuidado com a casa comum (o planeta Terra), conclama

[3] Diplomatique.org.br/ as vantagens do decrescimento. Acesso em 26/08/2021

os governantes e grupos econômicos para refletirem sobre questões ambientais, a redução da desigualdade social, o perigo das guerras e exorta os homens quanto às crises éticas, culturais, e espirituais que atingem o mundo globalizado. (SANTIAGO, 2020).

Ainda por inspiração do Papa Francisco, está em curso um evento mundial para jovens economistas, a ser realizado em Assis, na Itália, denominado “A Economia de Francisco e Clara”, no qual serão discutidas questões relacionadas ao fracasso da globalização planetária e às sugestões para um mundo melhor.

Por fim, vale concluir esse texto evocando, mais uma vez David Harvey (2002: 161), ao proferir que “o movimento mais flexível do capital acentua o novo, o fugidio, o fugaz e o contingente da vida moderna, em vez dos valores mais sólidos implantados na vigência do período fordista”. Reflete, por excelência, um aspecto ilegível, embora com indícios de que a sua natureza não permanecerá por muito tempo.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor G. **Culturas Híbridas.** São Paulo: Editora Edusp, 2000.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1974.

FIORI, José Luís. **60 lições dos 90: Uma década de neoliberalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTIAGO, E.G.. **Políticas de Trabalho em Escala Humana: Uma Crítica à Visão Mercadocêntrica.** Fortaleza: Editora LCR, 2001.

____. **Caminho Solidário: Experiências Latino-americanas.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2020.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HELD, David; McGREW, Anthony. **Prós e Contras da globalização.** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2001.

LATOUCHE, Serge. **As vantagens do decrescimento.** Disponível em Diplomatique. Org.br, acesso em 26/08/2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO- OIT. **Perspectivas Sociais do Emprego no Mundo: Tendências 2020.** Disponível em: ilo.org/Brasilia/notícias/WCMS_615927/Lang- -pt/index.htm. Acesso em 26/08/2021.

SANTOS, Boaventura S. In: SANTOS, B.S (Org.) **A Globalização e as Ciências Sociais.** 3ª Edição. São Paulo: Cortez, 2005.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico.** São Paulo: Coleção Os Economistas. Abril Cultural, 1982.

_____. **Capitalismo, Socialismo e Democracia.** São Paulo: Editora Unesp, 2017.

STIGLITZ, Joseph. **Globalização: como dar certo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.